

A ESCOLA E O TEMPO (1)

Itamar de Abreu Vasconcelos

R e s u m o

Apresenta um esboço histórico da Escola Técnica Federal de Pernambuco (ETFP), fazendo referência ao seu desenvolvimento face ao evoluir da sociedade pernambucana. A ETFP é lembrada desde o início, quando funcionou como uma simples escola para crianças "deserdadas" até o presente, quando se apresenta como um centro de ensino tecnológico prestigiado, aberto a uma clientela diversificada.



1. Os idealizadores deste Painel, ao planejá-lo, pensaram no objetivo, que seria uma reflexão sobre os "acertos e desacertos do ensino industrial no Brasil".

A reflexão, com a presença de pessoas que estiverem ou estão envolvidas com a teoria e a prática desse ensino, seria, assim, muito oportuna, uma vez que possibilitaria um olhar crítico sobre o que se fez a partir da criação das Escolas de Aprendizes Artífices, na área específica da preparação da mão de obra profissional.

(1) Exposição apresentada no Painel realizado no auditório Benício Dias, Fundação Joaquim Nabuco, em 12.12.84.

O primeiro aspecto a considerar, no projeto do Painel, é que ele delimitou a reflexão a um determinado período, deixando de lado algumas experiências anteriores a 1910, que a nível de Província, foram realizadas, através de ações do Governo ou da iniciativa privada, entre as quais avultaram a dos Liceus de Artes e Ofícios, que representou a conjunção de esforços dos trabalhadores na criação de um centro de formação onde o "saber da experiência feita" sobrepujou a teoria importada. A outra experiência foi a transplantação das Escolas Profissionais Salesianas da Itália para o Brasil.

O painel funcionará como uma tentativa de trazer subsídios para uma avaliação que, dentro de um certo prazo, poderá ser feita de modo seguro, sobre a ação das atuais Escolas Técnicas Federais, no decorrer destes 75 anos de trabalho na área do ensino industrial.

Cabe-nos uma abordagem abrangente e panorâmica, de natureza histórica, ficando para os outros expositores um aprofundamento baseado na rica experiência pessoal obtida como administradores e docentes da Escola Técnica Federal de Pernambuco.

Antes de lembrar dados e fatos, queremos chamar a atenção dos presentes para a idéia central da nossa exposição, idéia que funcionará como um referencial na tentativa de explicar o que foi feito, o que aconteceu, no ensino industrial oferecido pela Escola Técnica do Recife e que, certamente, aconteceu também nas outras unidades da rede federal profissional. A referência está na afirmativa, que já é um lugar comum, de que a educação, sendo um sub-sistema do Sistema Social, depende deste e que as estruturas organizacionais no campo da educação só se efetivam plenamente quando há uma interação entre o que foi sonhado ou planejado pelo teórico ou reformador e o que foi aceito pelas condições sociais.

No esboço que vamos apresentar, ainda muito preso ao fático, tentaremos uma conexão entre o que a atual Escola Técnica Federal de Pernambuco realizou, desde a sua criação, e a época histórica vivenciada.

Dividiremos, assim, a narração em três tempos, utilizando, como fonte, dados retirados do Artífice (Jornal da Escola), de alguns relatórios de Diretores, de depoimentos de antigos Professores e Ex-alunos, bem como da nossa observação

pessoal, durante o período em que trabalhamos como Técnico de Educação na ETFPE, exercendo funções de orientador Educacional, Coordenador Discente e Assessor Pedagógico.

É claro que a limitação do tempo para a exposição (20 minutos) obriga-nos a uma síntese. Tentaremos, assim, apresentar os aspectos que tenham alguma validade para explicar o que aconteceu e porque aconteceu. Procuraremos estabelecer uma conexão entre tempo — realidade social — tipo de ensino e produto esperado. Será uma tentativa.

2. O primeiro tempo, neste esboço histórico, na sistemática adotada, abrange o período 1910-1930. Vai da instalação da Escola à revolução de 1930, correspondendo à etapa em que o País vive o modelo agrário-comercial — exportador dependente (2), muito embora na década de vinte esse modelo já tenha entrado em crise, iniciando-se a estruturação do modelo nacional-desenvolvimentista, com base na industrialização.

A criação das Escolas de Aprendizizes Artífices (Decreto n.º 7566, de 23.09.1909) pelo Presidente Nilo Peçanha, correspondia aos interesses da classe dominante, uma vez que atenderia a dois aspectos: o **assistencial**, amparando as crianças nobres, os desfavorecidos, os deserdados, fazendo-os adquirir hábitos de trabalho, afastando-os da ociosidade, do vício e do crime (no dizer da justificativa do Presidente); a **preparação** de artífice e operários para a indústria que começava a dar os seus primeiros passos.

Era um projeto objetivo, dentro das condições e aspirações do País. Não havia sonho de reformador, nem tão pouco visível influência de modelo de país desenvolvido, como surge, por exemplo, no famoso parecer de Rui Barbosa, que em 1882, propôs a criação de Cursos Técnicos no Colégio Pedro II, com duração e estrutura semelhantes ao Curso Secundário, inspirando-se no Sistema Escolar da Suíça.

(2) A referência às fases do desenvolvimento econômico do País segue o esquema apresentado por Maria Luisa Santos Ribeiro — História da Educação Brasileira. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.

O projeto de Nilo Peçanha foi simples, objetivo, de acordo com as condições do País. E, desse modo, vingou.

A Escola de Aprendizizes Artífices do Recife instalou-se na tarde do dia 16 de fevereiro de 1910, em concorrida solenidade pública, noticiada no dia seguinte pelo Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno e Jornal do Recife.

O estabelecimento iniciava as suas atividades e se manteria, durante o período, com as seguintes características:

a) Clientela: meninos na faixa etária de 10 a 13 anos, que apresentassem atestado de pobreza. Abertas as matrículas compareceram crianças e pré-adolescentes residentes em mocambos dos Coelho, Santo Amaro e outros locais não muito distantes do Derby;

b) Estrutura curricular: Curso primário com oficina. Funcionaram, inicialmente. Oficinas de Mercenaria, Mecânica, Alfaiataria e Sapataria;

c) Professorado: Dois tipos de professores atuaram, durante esse período, na Escola. O professor de Educação Geral ou, como se dizia na época, de letras. Era, comumente, a professora graduada pela Escola Normal. Algumas delas marcaram a sua passagem pelo estabelecimento. Inteligentes, devotadas à causa do ensino, depositárias das virtudes morais vigentes na sociedade patriarcal. Na memória de antigos alunos e na crônica da instituição estão figuras de antigas mestras, como D. Ana Freitas, eficiente, maternal e tão gorda que tinha que juntar duas cadeiras para sentar-se durante as aulas; D. Maria de Jesus Peregrino, cronista das páginas do Artífice (Jornal da Escola) e D. Maria do Carmo Sette, que ingressando no estabelecimento em 1916, durante 40 anos encheria a Escola, com a sua personalidade, retratada por um ex-aluno como "professora de fisionomia austera, exigente com ela mesma, assídua, pontual, trabalhadora, interessada pelos alunos".

Ao lado da professora normalista estava o Mestre de Oficina. Os Mestres e Contra-Mestres, via de regra, não tinham formação acadêmica. A maioria tinha uma educação formal bastante restrita. Eram profissionais de Ofício, recrutados para o ensino profissional. Os Mestres ganhavam menos do que os professores. Havia, assim, uma dicotomia, uma divisão no

corpo docente. Eram duas classes reproduzindo dentro da escola a situação da própria sociedade brasileira. De um lado o homem culto, o intelectual, o que trabalha com a mente. Do outro lado o que trabalha com as mãos, o homem prático. Durante muitos anos perdurou essa situação nas Escolas Técnicas Federais.

Entre os Mestres desse período, as figuras de Gilberto Fontoura, Aristides Travassos, Francisco Alves Chagas, Jorge Albert, José Diogenes Correia, João Mesquita, Gustavo Dionísio, José das Mercês e Elpidio Ernesto da Trindade.

d) Sistema disciplinar: A disciplina era rígida, conservando-se, nesta linha, durante muito tempo. Castigos e privações foram sempre uma constante no passado da Escola;

e) Sede do estabelecimento: No período 1910-1930, a Escola funcionou no antigo Mercado Ulhoa Cintra, conhecido como Mercado de Delmiro Gouveia, no Derby, atual local do Quartel General da Polícia Militar, que aparece na notícia da inauguração do estabelecimento como o “elegante edifício do Derby”. Havendo a Prefeitura pedido o prédio, a Escola passou a funcionar na parte posterior do Ginásio Pernambucano.

Somente na década de trinta é que a Escola instala-se em sede própria.

f) Diretores: No período 1910-1930, dirigiram o educandário Manuel Henriques Wanderley, José Salazar da Veiga Pessoa, Coronel Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti e Dr. Antonio José Henriques de Lima. Os Diretores não eram técnicos ou pedagogos. O Coronel Agostinho Bezerra é retratado pela professora Maria do Carmo Sette, no n.º 18 do Artifice, como um “homem aparentemente rude” que, no entanto, “acudia as carências da Escola, desdobrando-se em atenções para que nada faltasse aos alunos”. No extenso depoimento da Mestre, o Coronel Agostinho surge como um homem bondoso e paternalista. Um modelo ao gosto da época, quando era valorizado “o cidadão reto e de bom coração”.

O Dr. Antonio José Henriques Lima, paraense, bacharel em Direito, Magistrado, é apresentado pela professora Maria de Jesus Peregrino, no n.º 22 do Artifice como “trabalhador incansável, honesto, esforçado e criterioso” e assinala o “seu coração benfazejo, e por índole inclinado à comiseração, não

conhecendo o ódio e o rancor". A tônica era, mesmo, o Chefe bom e paternal.

g) Iniciativas de natureza pedagógica: Durante esse período, a mais importante iniciativa pedagógica foi o sistema que se chamou "industrialização". Consistia na fabricação de peças pelos alunos, nas Oficinas, durante a jornada escolar, para serem vendidas. Muitas peças eram fabricadas de encomenda. O produto da venda era dividido, revertendo para os alunos e para a Caixa Escolar, que tinha o pomposo nome de Associação de Mutualidade. Com a industrialização, a Escola tornou-se uma "escola de produção", título que aparece hoje em algumas experiências pedagógicas. O modelo foi adotado em várias Escolas de Aprendizizes Artífices e muito questionado, uma vez que o trabalho docente nas Oficinas foi ficando preso ao interesse da produção. O aluno só aprendia a fazer o que era mais lucrativo. A peça que tinha saída e o processo mais rentável.

No início dos anos 20, como reflexo do modelo desenvolvimentista, o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, responsável pelo ensino profissional federal, cria a Comissão Luderitz, assim chamada porque foi dirigida pelo Engenheiro João Luderitz, Diretor do Instituto Parobé, tradicional instituição do ensino técnico, sediado em Porto Alegre.

A citada Comissão contribuiu para a modernização das Escolas, através da atualização dos currículos, publicação de obras didáticas especializadas, melhoria do preparo do professor, das instalações e equipamentos.

Um grande problema era a evasão escolar, uma vez que os meninos nem sempre podiam concluir o Curso. Tinham de deixar cedo os estudos para trabalhar. Em face da evasão até 1929 a Escola de Aprendizizes Artífices do Recife diplomou, apenas, 15 alunos.

Ao término dos anos vinte, o estabelecimento era um pequeno educandário para meninos pobres, ainda sem sede própria, sem prestígio na sociedade e sem integração com as escolas do Sistema Escolar do Estado.

O produto oferecido, em termos de preparação de mão de obra, foi insignificante, levando-se em consideração o número de graduados.

A Escola atingiu, evidentemente, apenas o objetivo assistencial.

3. O segundo tempo, nesta exposição, vai de 1930 ao início da década de quarenta, correspondendo à etapa do modelo nacional — desenvolvimentista com o despertar para a industrialização.

É um período de transição na vida da Escola.

A revolução de 30, com os seus anseios de mudança, impulsionou o setor da educação, criando o Ministério, para gerir os serviços educacionais.

Getúlio Vargas olha para o ensino profissional com simpatia, como atestam alguns dos seus pronunciamentos.

No entanto, a escola das duas primeiras décadas ainda persiste nos anos 30, na estrutura do curso, no conteúdo de ensino, no tipo de clientela, no regime disciplinar.

Uma batalha, porém, foi ganha — a construção do prédio próprio. Nos primeiros dias de 1933, a escola instalava-se num edifício amplo e ainda inacabado, às margens do Capiba-ribe, no bairro do Derby. E nessa casa a instituição vai crescer e afirmar-se como centro de educação, aos poucos ganhando prestígio face à industrialização do País. Todavia, é uma mudança não muito rápida, uma vez que a industrialização também não caminhou rapidamente.

Na sede própria, a Escola vai receber a visita do Presidente Getúlio Vargas, em 05 de setembro de 1933.

A inauguração oficial do edifício tem lugar a 18 de maio de 1935, com a presença de representantes vultuosos, inclusive o Governador do Estado.

Nesse período dirigiram a Escola os Drs. Isaac Elias Moura, Rubens Klier, Elcias Câmara e Rodolfo Fuchs. A preferência na escolha dos dirigentes passa a recair nos Engenheiros.

O Dr. Fuchs, gaúcho, ex-professor do Instituto Profissional Parobé de Porto Alegre, foi o mais importante administrador desse período.

Nos seus relatórios aparece o educador austero, com uma preocupação pedagógica numa linha conservadora. Disciplina rígida, rigor no cumprimento do dever por parte dos alunos, professores e funcionários.

A sua linha conservadora está presente num dos seus relatórios, quando ele afirma “que não falta, no meio educacional recifense, apurado pela prática das mais recentes teorias pedagógicas, que nos considere um pouco retrógrados e distanciados das modernas conquistas que norteiam a arte de educar. Damos-lhes razão no sentido de nos confessarmos bastante conservadores para não cedermos às seduções das extravagâncias adversas ou à ambição das novidades ainda não sancionadas pela experiência”... “Nem tudo deve ser reduzido ao esquema: atividade — sociedade — respeito absoluto à individualidade infantil”. O discurso do professor Fuchs, no citado relatório, é longo, demonstrando interesse pelo debate em torno das idéias da “Escola Nova”. Na parte final do documento o Dr. Fuchs posiciona-se a favor do “elitismo”, na formação do operário, nos seguintes termos: “Contrastando com as facilidades que se estão infiltrando no ensino, somos convencidos apologistas do rigorismo. Não se trata de expedir, anualmente, para a indústria, turmas numerosas de aprendizes, com habilitações duvidosas; ao contrário, uma pequena turma de escol, com um preparo técnico e profissional sólidos, representa muito mais para o progresso das indústrias”. O trecho é longo e interessante, pois mostra as idéias e valores defendidos pelo professor. No entanto o tempo não permite transcrevê-lo totalmente. Católico praticante, o Dr. Fuchs incentivou na Escola o ensino religioso, que ficou a cargo das Noelistas.

Através dos seus pronunciamentos e da sua linha pedagógica, é fácil concluir que o referido Diretor era um educador pertencente ao grupo católico que se posicionou contra a Escola Nova, nos anos trinta. As suas idéias sobre educação muito se aproximam do “Quadro Integral da Pedagogia, tal como compreende, uma Filosofia Católica da Vida”, — transcrito por Carlos Roberto Jamil Cury, no livro de sua autoria “Ideologia e Educação Brasileira”. (3)

(3) Cury, Carlos Roberto Jamil. Ideologia e Educação Brasileira, São Paulo: Cortez & Moraes, 1979, p. 62 — Anexo 1.

No novo prédio, sob a direção rígida, atuante e zelosa, do Dr. Fuchs, a Escola de Aprendizizes Artífices vai registrar um visível progresso.

Amplia-se o sistema assistencial, com o oferecimento de alimentação, aumenta a matrícula e cai a evasão.

A clientela escolar é praticamente a mesma. Todavia já aparecem alunos da classe média. O relatório de 1937 registra entre os estudantes 1 filho de Juiz, 1 filho de Médico, 1 filho de Advogado e 5 filhos de Professores. Era uma tênue mudança, digna de ser mencionada.

O estabelecimento passa a denominar-se Liceu Industrial de Pernambuco, o que revela, também, uma mudança, um desejo de melhorar de status, pois o novo nome lembrava as tradicionais escolas secundárias.

Os alunos da década de trinta, segundo declaração de um estudante da época, tinham como principal aspiração concluir o curso e encontrar emprego compatível com o que tinham aprendido. Ficar na Escola como Mestre de Oficina era a pretensão dos mais estudiosos. De fato, alguns conseguiram ingressar no corpo docente da Escola do Recife ou nas co-irmãs dos Estados vizinhos. Quando foi criado o SENAI vários Artífices graduados ingressaram como Instrutores no referido órgão.

Aparece, assim, uma área de atuação para o formado pelo estabelecimento — o magistério do ensino profissional, o que vai se tornar uma praxe. Ainda hoje os mais competentes professores das disciplinas técnicas na ETFPE são profissionais graduados pela própria escola.

No período 1930 — 1939 foram diplomados 63 Artífices, número ainda insignificante face à atual massificação.

Quais as causas do pequeno número de concluintes? Falta de interesse pelo ensino profissional? A origem da Escola (centro assistencial para crianças pobres)? Pequeno desenvolvimento da indústria? Ou estava funcionando o ponto de vista do Dr. Fuchs — qualidade e não quantidade?

4. O terceiro tempo 1940 — 1960, coincide, ainda, cronologicamente, com o modelo nacional — desenvolvimentista com base na industrialização.

Durante as duas décadas, abrangidas pelo período, dirigiu o educandário, o Engenheiro Manuel Viana de Vasconcelos.

Ao assumir a direção, o Dr. Viana de Vasconcelos já trazia experiência docente e administrativa. Dirigira a Escola de Aprendizizes Artífices das Alagoas, lecionara na Escola Normal Oficial de Maceió e era autor de livros didáticos.

Como Diretor da Escola do Recife imprimiu ao estabelecimento o seu estilo administrativo e o seu modelo pedagógico. No dizer de um antigo professor, a gestão do dr. Manuel Viana de Vasconcelos caracterizou-se por “uma direção firme, impregnada de senso moral e responsabilidade, sem descurar o desempenho dos professores e a aprendizagem dos alunos”. Governou a escola de 1939 ao início de 1960.

Através de artigos publicados no Artífice, o Dr. Viana de Vasconcelos mestrou a sua preocupação pedagógica, principalmente no que dizia respeito à melhoria do professorado e das técnicas e métodos de ensino.

Em 1942, a instituição, pelo Decreto-Lei n.º 4073, transforma-se em estabelecimento de ensino médio, com cursos de 1.º e 2.º ciclos. Inicia-se um clima de mudança. Mudança que não podia ser rápida em vista do processo escolar já cristalizado, da estabilidade administrativa, do tipo de aluno atendido e da própria imagem do educandário na sociedade pernambucana.

No entanto, a legislação, a admissão de novos professores, a ação da Comissão Brasileira-Americana de Ensino Industrial (CEBAEI) proporcionando o aperfeiçoamento de professores no Brasil e nos EE.UU. da América, a melhoria dos equipamentos, a criação ou ampliação de Serviços Assistenciais (Médico, Dentista, SOE.) e, sobretudo, o status do ensino médio, determina o início da procura dos Cursos de 2.º ciclo, recém-instalados, por elementos da classe média.

O período pode ser caracterizado pelo clima de modernização. A escola vai se tornando, aos poucos, um canal de mobilidade social, embora ainda restrito. Isso é visível pelo ingresso de graduados, provenientes da classe popular, em atividades de nível médio.

5. O quarto tempo, no esboço histórico aqui apresentado, corresponde aos anos 60 e 70. Podemos dizer que esta fase tem início, no que se refere à história do País, com a crise do modelo nacional — desenvolvimentista de industrialização.

Em 16 de fevereiro de 1959, o ensino industrial foi reformulado pela Lei n.º 3552, que imprimiu, na organização do ensino técnico, uma diretriz descentralizadora.

Iniciava-se na legislação brasileira a tendência de romper com a centralização da administração escolar, que sempre fora uma constante na nossa história da educação.

A descentralização prevista inspirava-se na influência americana, que após a 2.ª guerra mundial passou a se fazer sentir, de modo acentuado no Brasil.

Com a Lei n.º 3552/59 a Escola Técnica passava a categoria de autarquia, subordinada ao MEC, com ampla autonomia, administrada por um Conselho de Representantes, que funcionaria como uma espécie do Board of Education, do modelo americano.

Ao lado do C. R. existiria um Conselho de Professores, com a função deliberativa na área pedagógica.

A partir do ano letivo de 1960 surge a necessidade de implantar a reforma. No centro do problema a mudança da organização administrativa, a Constituição do Conselho de Representantes e a nomeação do Diretor, que seria o executivo, escolhido pelo referido colegiado.

Durante as demarches, aparecem os interesses de grupos e as influências políticas.

Após a constituição do Conselho e a escolha do seu Presidente, é nomeado o professor Daury da Silveira Santos, para dirigir o estabelecimento.

O professor Daury começa a sua gestão ampliando a matrícula, incentivando os cursos técnicos, criando o curso noturno e instalando ou ampliando órgãos e serviços de apoio.

Surgem, no entanto, várias dificuldades, cuja causa principal estava nas lutas havidas na escolha do Diretor, fato que provocara divergências e frustrações.

O desentendimento atinge professores e descontenta grupos de alunos. É deflagrada a primeira e única greve estudantil da história da Escola, repercutindo como um verdadeiro escândalo entre os antigos professores e ex-alunos. Onde estavam os ordeiros meninos do Derby? Os tempos tinha mudado. O Grêmio Estudantil Nilo Peçanha transformara-se no DENIPE (Diretório Estudantil Nilo Peçanha). A nível nacional instalara-se a UNETI (União Nacional de Estudantes Técnicos Industriais). Uma espécie de pequena UNE, comandando do Rio de Janeiro a política estudantil no âmbito do ensino industrial. A nível estadual a Associação de Estudantes Técnicos Industriais de Pernambuco (AETIPE) começa a funcionar. A politização que agitava o País invade as escolas.

É o período em que o franzino adolescente levanta-se nas reuniões convocadas para estudar os problemas da Escola e, com voz embolada, fala "em nome do DENIPE, órgão máximo de representação estudantil". Fase difícil para a convivência entre mestres, administradores e alunos, num ambiente ainda não preparado para esse tipo de convivência.

É o tempo dos Congressos e Encontros de Estudantes, reunindo alunos das escolas da rede federal.

Após a greve veio a intervenção do MEC, funcionando como Interventor o Dr. Jeremias Pinheiro, ex-Diretor da Escola Técnica de Natal.

Cessando a intervenção é nomeado Diretor, o professor Aloísio Teles de Menezes, aqui presente, que poderá falar sobre a sua gestão, quando a ETFPE cresceu em alunado, acompanhando a massificação escolar registrada no País. A escola passa a receber o elemento feminino, adotando a coeducação.

Na década de 60 dirigiram a Escola, além de Daury Silveira, Jeremias Pinheiro e Aloísio Teles, já citados, os seguintes Diretores: — Adalberto Ferreira Cunha, Armando José de Araújo (como substituto), Edison Rodrigues de Lima, Antonio Francisco das Chagas (completou o período de Edison Rodri-

gues, que deixou a Direção para ocupar Chefia na SE) e Joseph Mesel.

Cada um dos citados Diretores trouxe o seu contributo para a ampliação e melhoria dos Serviços prestados pelo estabelecimento.

O Serviço de Orientação Educacional divulgou os Cursos da Escola, diretamente nas classes concluintes dos Ginásios e Colégios do Recife e, indiretamente, ao decorrer das Semanas de Orientação Profissional realizadas no auditório da Escola. Crescem as matrículas e a classe média invade o estabelecimento. O elemento feminino passa a ser um novo componente do alunado e as meninas ingressam em todas as habilitações profissionais. A primeira graduada em Mecânica é assunto de reportagem na revista Fatos e Fotos. O primeiro ciclo é extinto.

A Residência Estudantil abrigando estudantes vindos do interior e dos Estados vizinhos constitui um centro de integração social e formação de lideranças.

A aspiração máxima do alunado, regra geral, é o ingresso na Universidade e a escola passa a ser encarada por muitos estudantes como um curso de passagem — um estabelecimento de 2.º Grau, que oferece bom preparo geral e um ensino profissional que vai ajudar o Curso de Engenharia.

Os anos 70 não são diferentes dos últimos anos da década anterior. A política estudantil, com os seus questionamentos e reivindicações, brecada com a Revolução de 64, conclui o seu ciclo no início de 1970.

O acordo do Brasil com o Leste Europeu, traz modernos equipamentos para a Escola.

Durante os anos 70, dirige o estabelecimento o professor Joseph Mesel, dirigente compreensivo, incentivador do Grupo Teatral e de outras atividades estudantis. Passam, também, pela Direção, em período não muito longo, os professores Claudiano Roque de Melo, Fernando Costa, Sylvia Carolina Lacerda, Luiz Carlos Koblitz e Amaro Henrique Barbosa.

Lembraremos, também, a atuação do Conselho de Representantes e os seus Presidentes Manoel Caetano Queiroz de

Andrade, Djalma Rodrigues, Sebastião Holanda e Ranulfo de Oliveira Lima. Este último, com o seu grande tirocinio como Técnico de Educação, foi um administrador que deixou marca na ETFPE. A sua presença aqui certamente enriquecerá esta reunião com informações valiosas, com a sua visão de ex-Presidente do Conselho de Representantes.

Atualmente, a ETFPE vive um período áureo. Instalada em modernas e amplas instalações, excelentes equipamentos, mestres competentes, sob a Direção do jovem e dinâmico professor Rômulo Lacerda, que vem se destacando como um bom administrador.

É evidente que não poderemos falar, sobre o ponto de vista histórico, de uma realidade atual.

A guisa de conclusão lembraremos que, com as condições atuais de excelência, a ETFPE poderá se tornar uma escola caracteristicamente de classe média e alta, pois no Sistema Escolar Brasileiro quando a escola pública se torna uma boa escola, os ricos — com melhor preparo acadêmico e melhores condições de vida são aprovados nos exames de seleção e expulsam os estudantes oriundos da classe popular.

Há, assim, o perigo de se chegar ao outro extremo — não mais uma escola para deserdados; exclusivamente uma escola para remediados.

SEXUAL RECOLLECTIONS OF THE YOUNG MALE: THE PARENTS SILENCE AS A FORM OF EDUCATING

A B S T R A C T

A qualitative research, it was an attempt to grasp the reality of the adolescent world, as perceived and reported by the young man, in order to understand his relationship with the opposite sex, his conception about man/woman, and his world vision. Fourteen male subjects were interviewed and Content Analyses were performed on the material; subjects were in the 18-25 years of age range, living in the metropolitan region of Recife (Grande Recife-Pernambuco) and were socioeconomically characterized as "Intermediate Sectores".

Results were confronted with John Money's human sexuality theory, and showed the adolescent as basically "objectifier" (coisificador) and "machista". The treatment of sexuality information between parents/educators and adolescents seems to be an almost unsurmountable barrier, up to the present; the absence of dialogue in the home about the subject, surges as a factor that maintains the misinformed and "machista" way of thinking of the new generations.

THE CONCEPT OF REGION

Abstract

The meanings attributed to the concept of region are various within the science of Geography. The oldest were based on historical-political criteria, used up to the middle of the 18th century. Since then, Geography came out from an excessively simplistic phase, searching for contradictory and complex formulations. The contributions of Ricchieri, Brunhes, Vallaux, Cholley, Perroux and Kayser are pointed out. Such contributions emerge contradicting older and contemporaneous formulations as well as constructing elements to construct the concept.

Recently, new approaches are evident, particularly the one by Francisco de Oliveira. To him, region is defined by the specificity in the reproduction of capital, in the forms taken by the process of accumulation, in the class structure peculiar to such forms and also in the more general forms of the class struggle and social conflict.

SUPERVISED IN-SERVICE TRAINING AND UNIVERSITY PLANNING

A b s t r a c t

Two basic dimensions must be considered when focusing in-service training: one is contextual and the other is qualitative. The last one is analyzed according to the following topics: concept, justification, objectives, organizations needed to the implementation.

THE PROGRAMS OF FAMILY PLANNING IN THE NOR- THEAST: SOME CRITICAL CONSIDERATIONS

A B S T R A C T

Examines the role of family planning programs in the diminution of fecundity. Considers government positions about population politics and the tolerance regarding the practice of family planning services. Based on statistical data, comments on the influence of systematic programs over reproductive behavior. Presents theoretical and practical considerations about the model of community distribution programs, examining some aspects of the practice developed in the state of Rio Grande do Norte

SOCIAL ASPECTS OF THE PROGRAM OF EDUCATIVE CREDIT

A b s t r a c t

Describes and discusses some social aspects of the Program of Educative Credit, based on normative Acts and on primary and secondary data found in institutions involved with the Program in the region of Recife.

Questions and discusses the pressupposition (after the implantation of the program) that it is an instrument to foster the democratization of higher education and social mobility.

Concludes that, in spite of the program been created as a financial support to private higher education institutions, its role was, in a certain way, fulfilled.

THE SCHOOL AND THE TIME

A b s t r a c t

Presents a historical sketch of the Federal Technical School of Pernambuco (ETFP), referring to its development vis a vis the evolution of society in Pernambuco.

The ETFP is remembered since its beginning, when it functioned as a simple school for "disinherited" children up to the present, when it is viewed as an important center for technological training, open to a diversified clientele.

ATTITUDES SEXUELLES DES JEUNES: LE SILENCE DES PARENTS COMME FIRME D'EDUCATION

R E S U M É

Recherche qualitative qui a eu pour but de recueillir la réalité globale de la vie des jeunes, comment ils la perçoivent et la racontent, afin de capter le sens de leur relation avec le sexe opposé, leur conception sur les rapports homme/femme et leur vision du monde. A été faite l'analyse du contenu des témoignages de 14 jeunes-gens, situés entre 18 et 25 ans, de l'agglomération de Recife, appartenant, au plan social et économique, aux "Secteurs Intermédiaire" de la population.

Les résultats ont été mis en parallèle avec la théorie de la sexualité de John Money. Les jeunes-gens ont révélé leur tendance à "chosifier" et leurs idées "machistes". L'abordage des questions sur la sexualité, entre parents/éducateurs et jeunes-gens, semble constituer une barrière quasi insurmontable, encore aujourd'hui; l'absence de dialogue en famille, sur le sujet, apparaît comme facteur de conservation de la mentalité mal-informée et "machiste" des nouvelles générations.

CONCEPT DE RÉGION

R é s u m é

Les concepts que la Science Géographique a donné au terme région sont variés. Les premiers se basaient sur des critères historiques et politiques, en usage jusqu'à la moitié du XVIII.^e siècle. A partir de cette date, la Géographie est sortie d'une phase excessivement simpliste, pour chercher des formules complexes et contradictoires. Se sont mis en évidence les apports de Ricchieri, Brunhes, Valloux, Cholley, Perroux et Kayser. Ces contributions apparaissent autant comme une contradiction en relation aux formules antérieures et contemporaines que comme une construction d'éléments pour attribuer un concept à la région. Dernièrement, de nouveaux abordages surgissent, en particulier celui de Francisco de Oliveira. Région, selon cet auteur, se définit par le caractère spécifique de la reproduction de capital, des formes qu'assume le processus d'accumulation, de la structure de classe particulière à ces formes et donc, des formes de lutte de classes et de conflit social sur un plan plus large.

LE STAGE D'ÉTUDES ACOMPAGNÉE ET LE PLAN DE L'INSTITUTION UNIVERSITAIRE

R é s u m é

Deux dimensions fondamentales doivent être considérées quand on aborde la question du stage dans le plan de l'institution universitaire — la première de nature contextuelle et l'autre de nature qualitative. L'abordage de cette dernière conduit à l'analyse de certains aspects relatifs aux thèmes suivants: concept, justificative, objectifs, organisation et conditions exigées pour la réalisation du stage.

LES PROGRAMMES DU PLANNING FAMILIAR DANS LE NORDESTE: CONSIDERATIONS CRITIQUES.

R é s u m é

L'objectif du travail consiste à examiner l'influence des programmes du planning familial sur la diminution de la fécondité. La première partie analyse les positions du gouvernement au sujet de la politique populationnelle et la tolérance face aux pratiques de services de planning familial. Ensuite, à partir des données statistiques disponibles, est abordée la question de l'influence des programmes organisés sur le comportement reproductif. Dans une troisième section; sont faites des considérations critiques d'ordre épistémologique et pratique au sujet du modèle des programas de distribution communautaire, avec l'examen de certains aspects en usage dans l'Etat de Rio Grande do Norte. Dans une dernière partie sont présentées les considérations finales sur le thème en question.

ASPECTS SOCIAUX DU PROGRAMME DE BOURSES D'ÉTUDES

R é s u m é

Dans son étude, l'auteur prétend décrire et discuter certains aspects sociaux du Programme de Bourses d'Etudes à partir de L'Exposition de motifs n.º 393 qui a servi de base à la création du dit Programme, et de données primaires et secondaires disponibles dans les institutions concernées par les bourses d'études sur la commune de Recife-PE.

Considérant les bourses d'études comme instrument créé sous le prétexte de la démocratisation de l'enseignement supérieur et de la mobilité sociale par le biais de l'éducation, se pose la question et se discute la validité de ces prétextes après l'implantation du programme.

Finalement, l'auteur conclut que "bien que le programme ait été intentionnellement créé comme appui financier aux institutions particulières tournées vers la commercialisation de l'enseignement supérieur, sa fonction de démocratisation de l'éducation et de facilitation de la mobilité sociale par l'éducation a été, d'une certaine manière, accomplie.

L'ÉCOLE ET LE TEMPS

R é s u m é

Présente une synthèse historique de l'École Technique Fédérale de Pernambuco (ETFP), en faisant allusion à son développement face à l'évolution de la société dans l'Etat de Pernambuco. L'ETFP est évoquée dans ses débuts, quand elle se réduisait à une simple école pour enfants "deshérités", jusqu'au moment présent alors qu'elle apparaît comme un centre d'enseignement technique jouissant de prestige et recevant des élèves de divers milieux sociaux.